

# A volta da velha senhora

Noenio Spinola

**H**Á alguém à espreita, sempre que as taxas de juros sobem, acompanhando o passo dos índices de custo de vida. Lembram-se de uma velha senhora chamada correção monetária? No começo do Plano Cruzado, ela parecia ter sido enterrada para sempre. Hoje, ameaça ressuscitar, embalada por dois aliados fortes: os preços e o dólar no black.

A receita para o controle dos preços é relativamente simples, ainda quando politicamente complicada: o Presidente terá que concordar com medidas que desaqueçam o que os economistas pernósticamente chamam de "demanda agregada", enquanto as empresas não investem para aumentar a produção. O cenário político desastroso que poderá prevalecer depois das eleições, com candidatos populistas vitoriosos em São Paulo e no Rio, vai exigir do Governo um forte exercício de liderança. E, no Governo, só restará de pé a liderança do próprio Presidente, cuja popularidade pode diminuir na razão direta da pressão sobre o pedal do freio do consumo.

A receita para controle do dólar no mercado paralelo, que joga um sinal distorcido sobre toda a economia, é mais complexa. Ela tanto envolve decisões técnicas como políticas. A primeira grande decisão política, que precisa ficar transparente, é o que quer o Governo do comércio exterior brasileiro. Até agora, a

mensagem era exportar para gerar mega-superávits e cobrir os encargos da dívida externa. A retórica usada para negociar a dívida baseou-se na possibilidade de juros e comissões (spreads) mais baixos. Os juros caíram e continuam caindo, mas a renegociação da parte principal da dívida continua pendurada em hipóteses, mais que em soluções. Enquanto o clima continuar nesse nível, irá inibir os investimentos estrangeiros, que deixarão de aumentar a oferta de bens, que continuarão pressionados e assim por diante, a menos que o Governo corte no consumo ou obrigue o povo a poupar compulsoriamente mais do que parece disposto a poupar.

Enquanto os cenários mais complicados não se definem, o Banco Central colocou remendos na legislação cambial, bem aceitos pelos exportadores. Os célicos, contudo, acham que o esquema está longe da perfeição, por vários motivos. Os mais otimistas acham que, a despeito dessas imperfeições, é possível melhorar o funcionamento dos mecanismos cambiais com algumas medidas pragmáticas e de grande impacto psicológico para desaquecer o mercado paralelo do dólar, ou para retirar dele, pelo menos, o que tiver de artificial ou alimentado pela insegurança dos investidores.

Um esquema criativo está sendo proposto por Michel Alaby, representante da Funcex em São Paulo, certamente refletindo aspirações do comércio exportador. A idéia é simples: trata-se de permitir que o depositante de dólares no

Banco Central (Circular 1.085) receba certificados nominativos endossáveis, custodiados em bolsas de mercadorias e negociáveis. O sistema atrairá financeiros que hoje podem estar no black por falta de opções, e teria uma liquidez sob controle das autoridades monetárias. A vantagem adicional seria começar a atrair exportadores e importadores para operações de câmbio futuro em moedas que não o dólar no mercado doméstico brasileiro.

Em termos simples, os dólares ficariam nas mãos do Governo, como ele quer, e o financiamento dos exportadores teria um leque maior que o atual de recursos livres, podendo contribuir para desinflacionar o black e diminuir o clube dos saudosistas da correção monetária ou cambial. O truque, se é que há algum truque nisso tudo, consiste em desligar as mentes da correção monetária e reajustá-las para operações de cobertura de risco a taxas de mercado. Desde que haja mercado.

O cenário pessimista irá reforçando a idéia do Banco Central como uma seguidora contra riscos de câmbio, e aproximar ainda mais o comércio exterior de formas centralizadas de controle. As teses que andam no ar podem justificar um centralismo crescente, com o superávit na balança comercial se reduzindo e o setor perdendo a importância do passado. Isso supõe um mundo perfeito onde os problemas serão resolvidos na ONU com enorme boa vontade para todos os países devedores. Supõe, também, que a dinâmica economia exportadora não significa nada e que o país deverá se voltar mais para dentro de si mesmo e do seu mercado. Um modelo chinês dos últimos anos de Mao, ou uma réplica da Polônia enrustida depois de suas experiências mal-sucedidas tentando seguir o passo dos seus vizinhos europeus ocidentais mais desenvolvidos.

Os defensores desse último modelo fariam bem se estudassem o que o camarada Gorbachev está promovendo para romper o isolamento da economia soviética, estudando joint-ventures e outros truques antes proibidos pela velha burocracia russa. Donde se conclui que em Moscou ou Pernambuco podem-se encontrar exemplos de inteligência renovada, como na aliança Julião-usineiros. Mas lá como aqui, também, ainda existem os prisioneiros do passado. Ou do velho stalinismo. Dêem-lhes um pouco mais de corda e eles conseguiram ressuscitar a velha senhora. Ninguém melhor que o black para apontar o caminho.

E esses sábios, com bancos que podem ser involuntários fomentadores de cartórios, continuarão dizendo: "No Brasil não há mercado."

